

Os cinco sentidos na Psicopatologia Fundamental*

The five senses in Fundamental Psychopathology

*Christiana Paiva de Oliveira***

*Manoel Tosta Berlinck****

Resumo

A Psicopatologia Fundamental se inclina ao estudo da subjetividade do ser humano, que é diversa e única em sua expressão. Sendo assim, se propor a tal abrangência como clínico e pesquisador é ter a capacidade de se dispor com a mesma amplitude. Psique, Pathos e Logos têm muito a dizer sobre o sujeito apaixonado, vulnerável ao sofrimento e passível de cair doente. Cabe à psique elaborar os conteúdos que a invadem, comportando-se como um prolongamento do sistema imunológico do corpo humano. Se, por sua vez, o sistema imunológico do corpo humano o defende dos ataques abruptos de vírus e outras doenças que o tomam, cabe igualmente à psique os cuidados dos excessos que invadem o corpo do sujeito e o fazem adoecer. Ao encarar esse estado é necessário utilizar-se de todas as evidências e ferramentas disponíveis,

* O presente artigo foi redigido como exigência básica na aprovação da disciplina “Seminário de Pesquisa: Introdução à Psicopatologia Fundamental”, ministrada pelo Professor Doutor Manoel Tosta Berlinck na PUC-SP, com o apoio da CAPES/CNPq.

** Psicóloga e Mestranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica - núcleo de Psicanálise - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016), pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP e Bolsista CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Pesquisadora colaboradora na Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental. Endereço eletrônico: chhriiss@hotmail.com

*** Sociólogo, Psicanalista, Ph.D. (Cornell University, Ithaca, N.Y., USA), Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/Br.), onde dirige, desde 1995, o Laboratório de Psicopatologia Fundamental, presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF). Editor da Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, autor de livros e artigos em Psicanálise. Endereço eletrônico: mtberlin@uol.com.br

como os cinco sentidos que o corpo humano é dotado: visão, escuta, paladar, tato e olfato. Por mais sutis que sejam, tais elementos se fazem presentes na clínica e têm muito a nos revelar.

Palavras-chave: *Psicopatologia Fundamental; Sofrimento; Paixão; Sentidos; Clínica.*

Abstract

Fundamental Psychopathology delves into the study of human subjectivity and its expression is diverse and unique. Taking on this perspective as a clinical practitioner and researcher requires the ability to dig deep. Psyche, Pathos and Logos have much to say about the passionate, vulnerable and afflicted individual. It is up to the psyche to work on this invading content, and is considered in this paper to be an extension of our immune system. The immune system defends us from abrupt virus attacks and other diseases and the psyche is equally about warding off everything that ails the individual. Faced with such conditions, the five senses are a powerful resource. Although they may seem subtle, the elements of sight, hearing, taste, touch and smell, must be taken under account in clinical practice, for they have much to tell us.

Keywords: *Fundamental Psychopathology; Suffering; Passion; Senses; Clinic.*

INTRODUÇÃO

Como muito já argumentado por Berlinck (2008), a Psicopatologia Fundamental se inclina ao estudo da subjetividade do ser humano, na busca de adentrar o enigmático que ronda o enlace desse contato. O encontro de diferentes histórias, saberes, e a insuficiência da linguagem para traduzir essa diversidade marca a obscuridade do que ainda não foi penetrado, nos restando as indagações como possibilidade de ampliar a visão sobre as questões levantadas ao se deparar com *pathos*.

Considerando essa premissa, é necessário nos atentarmos à Psicopatologia Fundamental com toda a profundidade que o termo acarreta. Não é porque a linguagem nos limita que devemos nos contentar com o já sabido. Há sempre mais. Ao focar na palavra “Psicopatologia”, pode-se notar que ela é formada pelas palavras “Psique”, “Pathos” e “Logos”. É aqui que embarcamos em sua diversidade.

A CONSTITUIÇÃO

A psique humana se faz presente desde os primórdios e seu trabalho energético está sempre a elaborar e resignificar os estímulos – ou a pulsão, se considerarmos Freud (1914). Desde o nascimento estamos propensos a encarar os desejos e os olhares que nos constituem; a cada frustração ou investimento a psique se forma e transforma. Aqui, é importante ressaltar a não dicotomização entre corpo e mente. Um não existe sem o outro, se fazem juntos, são. Aristóteles (2006), em seus estudos, passou a se questionar sobre a psique humana, afirmando que essa é dotada de vida, é Animada, como o título de seu livro incita. Nasceram dele questionamentos referentes à consistência da psique e, concomitantemente, pode-se perguntar: como acessá-la?

Deve-se, antes de tudo, se ater aos movimentos que dão vida à psique, movimentos estes realizados pelas forças libidinais, instigadas pelo princípio do prazer¹. Ideias, imagens, sonhos, todos requerem um trabalho psíquico e o fazem com uma finalidade. Nada do que aparece vem por acaso. Ao considerarmos novamente Freud¹, temos os lugares onde os movimentos se dão, chamado de topos. Numa breve recapitulação, temos a primeira tópica referente à consciência, pré-consciência e ao inconsciente e a segunda tópica, mais elaborada, que considera o Eu, o Supereu e o Isso.

Dentro desse quadro temos as pulsões, voltadas para o domínio dos estímulos internos. O que viria a instigar tais estímulos seria a necessidade de satisfação, um modo de aliviar as agonias que invadem e se instalam em nós². Ao se direcionar para um objeto, a pulsão passa a ser encarada como a manifestação do desejo do sujeito, sendo este inconsciente. As formas de manifestação do inconsciente, que revelam o trabalho psíquico, são descritas por Freud (1917 [1916-17]) como os sonhos, neuroses, atos falhos e sintomas.

Os sonhos são encarados como uma possibilidade de realizar os desejos recalçados no inconsciente do sujeito, expressando a identidade do sonhador. A elaboração onírica vem como mecanismo responsável pela

1 Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

2 Teoria revisitada por Freud (1920) em “Além do princípio do prazer”.

construção do sonho, unindo os pensamentos latentes, que são ligados à consciência, e o desejo, que evidencia o inconsciente. A neurose, por sua vez, caracteriza-se pela expressão de um conflito psíquico, originário das raízes infantis do indivíduo, entre desejo e defesa diante do objeto. A impossibilidade de realizar o desejo é marcada pelo barrar da consciência diante do inconsciente. Já o ato falho pode ser entendido como um sintoma entre a intenção consciente do indivíduo e o que foi recalcado. É como se nos esquecêssemos de algo que não deveríamos, no qual o ato visado não é atingido, substituído por outro pela falta de atenção. Essa situação indica a subjetividade do sujeito, revelando o desejo inconsciente que motivou tal atitude. O sintoma, por fim, evidencia os conteúdos recalcados através de uma ação.

O ÍMPETO DO PSICOPATÓLOGO, A VISÃO AMPLIADA

Para o psicopatólogo, trabalhar somente com base em tais aparições impede a percepção da relação que o sujeito estabeleceu com *pathos*. O papel do psicopatólogo não é se ater a tais manifestações, mas sim, de se relacionar com o sujeito que se apresenta ali com toda a sua diversidade, sendo tais manifestações como expressões de sua subjetividade, que é ampla, impossível de se limitar a categorias impostas. A ideia é de não se ater a teoria e encaixar o sujeito em seus moldes, podendo considerar seu inverso, de utilizar a teoria para ampliar a visão sobre o que se manifesta ali. A teoria vem como apoio para a expansão, e não como conclusão limitadora. No momento em que se insere um saber pré-moldado sobre o sujeito, as possibilidades de adentrá-lo se fecham. O saber imposto exclui o ser, pois ele passa a ser categoria criada pelo imaginário, o que barra as percepções diante de seu devir.

A psique e suas movimentações, como forma de evidenciar a relação com *pathos*, ganha importante papel para o psicopatólogo, que deve considerar suas manifestações em prol de abranger sua visão diante do que surge.

O LOGOS

A terceira divisão feita da palavra Psicopatologia nos traz “Logos”. O discurso e a linguagem (verbal ou não verbal) revelam a dimensão de seu conteúdo, mas seria por completo? O que nos escapa, já que a palavra retoma a castração a cada sílaba pronunciada? É importante se atentar ao que vem, o que deixa de vir e como essa dinâmica se apresenta.

A linguagem vem como constituinte da psique, em que há o marco da castração pelo simbólico. Tornamos-nos escravos dos significantes. O sujeito constitui-se ao se separar dele mesmo; a linguagem vem como a cisão que afasta o sujeito de si, ao mesmo tempo em que o aproxima. O ser foge das sensações ao tentar exprimi-las através das palavras, mas o faz na tentativa de se reencontrar nas mesmas. A dualidade perda-encontro se faz através da marca do faltante, que instiga o desejo numa busca incessante.

Ao levarmos em conta a clínica, espaço para o encontro de subjetividades e possibilidade do abandono da teoria, que muitas vezes vem como uma repetição alienante e encobrimento do que evanesce ali, temos *Logos* em suas diversas aparições, seja pela repetição, silêncio, balbucio. Todas transferem a subjetividade que, na contra-transferência, revela a do clínico, atingido pelo discurso. Os inconscientes se conectam em associação livre (ao menos, deveriam) na busca de considerar o que surge sem se preocupar com encaixes teóricos. Levantemos aqui o método clínico como essencial para compreender essa visão.

O relato do caso clínico, explicitado no artigo de Magtaz e Berlinck (2012) vem como fundamento da pesquisa em Psicopatologia Fundamental. É justamente na exposição do caso que o clínico pode colocar em palavras as suas vivências, elaborando o modo como foi impactado por elas. A que nos atentamos na clínica e o que nos escapa, se pensarmos nessa postura como um foco delimitador? Explorar o caso clínico permite a compreensão do funcionamento psíquico do paciente e, para tanto, é de extrema importância considerar a atenção flutuante, na qual a escuta de *Logos* deve ser feita com a mesma atenção em cada aspecto. A fixidez em determinado

tema só viria por eliminar a subjetividade evanescente ali. O ser humano jamais é formado por temas categóricos, o discurso interconecta todo o seu enredo, a revelar *pathos* e a dinâmica psíquica.

A ESCUTA PARA ALÉM DO SABOR DAS PALAVRAS

As palavras nomeiam as coisas, no entanto, as coisas já existiam antes das palavras tomarem-nas. A nomeação indica a necessidade da apreensão, de dominar o conteúdo antes de ser dominado pelo mesmo, pelo desconhecido que tanto surpreende e invade sem licença, petrificando todo o conforto instaurado pela mesmice alienante. Ou seja, o sujeito vive num embate entre tentar dominar e ser dominado por *pathos*, que o invade, no entanto é impossível domar a si próprio no embromar da invasão vivenciada.

A palavra viria como maneira de incorporar a existência e ao mesmo tempo expurgar o peso dessa dominação tão frequente e voraz. Devoramos os conteúdos enquanto saboreamos as palavras, ao mesmo tempo em que as vomitamos para digerir os conteúdos. É nessa proliferação oral, quase canibalesca, que *Logos* se manifesta. A multiplicidade de palavras existentes só reforça a ideia de que *Logos* é infinito em expressão e compreensão, e se faz de modo subjetivo. Lançar *Logos* é buscar sentido para a vivência, que é enigmática por si só.

Como evidência da dominação incisiva e ao mesmo tempo exemplificando que as palavras não dão conta da subjetividade humana, temos a publicação recente do DSM-V. De acordo com pesquisas realizadas³, a abrangência-limitadora das patologias inseridas nesse tipo de manual tem impactado negativamente a população. O padrão de ciência como modelo degola a vivência e esmaga a subjetividade. Ao classificar o sofrimento, que é imensurável, o ser humano é reduzido ao racionalismo através do estabelecimento de ordens em busca de um determinado fim – seja de interesse médico, farmacêutico ou institucional.

3 Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública (2013).

O trabalho do clínico vem com a sutileza da escuta. Na seguinte passagem, Figueiredo (1995) descreve a importância da escuta que vai além do olhar:

É mais fácil dirigir o olhar do que a escuta; é mais fácil abrir e fechar os olhos que os ouvidos. Os olhos pedem luz para funcionar, os ouvidos funcionam melhor no silêncio. Os olhos se lançam sobre o mundo iluminado à procura, enquanto os ouvidos esperam silenciosamente. (p. 74)

Ninguém escuta de longe, o que é possível na visão. É necessária a aproximação e o calar, para que os ouvidos se agucem e se atentem a mínima mudança do respirar. Deve-se cuidar para que o discurso infinito não seja apreendido no equívoco da seleção. Se a palavra limita o pensamento, o clínico não deve limitar-se à conteúdos específicos.

Ademais, a escuta se faz para além da fala, como destacado anteriormente, já que o silêncio, os movimentos corporais e seu enrijecimento também formulam a comunicação. Muitas vezes a ausência da palavra presentifica os conflitos do sujeito, tão aterrados em si. *Pathos* invade, se instala, remete ao sofrimento, mas também às paixões. Apaixonar-se é tornar-se vulnerável ao que invade abruptamente, sendo assim, guardar as palavras pode vir a representar a impossibilidade de se desprender do que o toma por completo.

A palavra nos possui, ficamos submetidos a ela, aprisionados em sua limitação. Nem pela ação fugimos de seu universo, pois é a palavra que e os pensamentos se fazem por ela. Arrancar o que preenche é se deparar com o vazio, logo, a quietude vem como tempo necessário para que os conteúdos sejam elaborados, preparando o terreno para que o fantasma seja pronunciado e ressignificado, abrindo espaço para novas referências e investimentos.

O TATO

Tateando a clínica, seus conteúdos evanescem. É desse modo que o relato do caso, advindo do enigmático vivido pelo clínico em sua experiência

pode ser melhor explorado. Tal busca se dá no anseio de ampliar sua visão sobre os eventos clínicos, transformando sua vivência em experiência socialmente compartilhada, conforme destacam Magtaz e Berlinck (2012).

O clínico depara-se com um estranho familiar em sua clínica, que é o ser humano invadido por *pathos*. É imprescindível ter tato, que se liga a empatia, no intuito de acessar o que toma o outro, sem se tornar outro agente invasor. Tateia-se com o acolhimento, com a escuta e com a palavra, que são formas de receber o outro.

Desse modo, articular *Logos* de uma maneira cuidadosa indica um caminho possível para acessar a *Psique*, sendo que um é formado pelo outro numa relação dialética. Portanto, o discurso contém *pathos*, que envolve o psiquismo do sujeito que o profere.

PATHOS

Pathos é uma palavra que deriva tanto sofrimento quanto paixão. É por essa via que ela tem um caráter de tomar, incluir(-se) e excluir conteúdos. A paixão, como idealização, apaga o que? Como nos atenta Berlinck (2008) *phatos* diz respeito a algo que vem de longe e de fora, que invade o sujeito, o toma e o arranca de si, o deixando a mercê do sofrimento e da intensidade. A paixão é o que o sujeito é em movimento, é o seu próprio devir. A paixão, por se tratar de uma invasão descontrolada, não pode ser integrada em *Logos*. É uma ameaça à substancialidade do homem. Nesse momento, é imprescindível recorrer à Berlinck (1997):

Neste sentido, tanto o sofrimento como as paixões e a passividade se apoderam do corpo sem fazerem parte inerente dele. O *pathos* vem de longe e vem de fora e toma o corpo fazendo-o sofrer. Até mesmo na contemporaneidade é essa a noção que preside a definição de doença. O corpo, em si, não é doente. Ele é natural. Por isso está sempre apto a ficar ou a cair doente, sendo possuído por algo que vem de longe e vem de fora, seja um vírus, seja uma crise psíquica. Mas o que vem de longe e vem de fora, introduzido no corpo aí brota dada a sua condição de natureza. O psiquismo, o aparelho psíquico, é, na ótica da Psicopatologia Fundamental, um prolongamento do sistema imunológico.

Diante do exposto, cabe à psique elaborar os conteúdos que a invadem, comportando-se como um prolongamento do sistema imunológico do corpo humano. Se, por sua vez, o sistema imunológico do corpo humano o defende dos ataques abruptos de vírus e outras doenças que o tomam, cabe igualmente à psique os cuidados dos excessos que invadem o corpo do sujeito e o fazem adoecer.

É impossível limitar a paixão, pois ficamos suscetíveis ao seu excesso. A instabilidade nos afeta; o que nos faz apaixonar também nos faz sofrer, podendo dar lugar à ambivalência amor-ódio. Se por um lado se quer preservar o objeto amado, por outro, o ódio, ligado à vulnerabilidade do que nos assola, quer atacá-lo.

Desde nossa constituição, a figura que nos ampara possibilita nossa sustentação, também, através do “Estádio do espelho”, tão bem descrito por Lacan em 1949. A este ser que nos sustenta, devemos nossa adoração, mas também nosso ódio mortal. Quem nos ampara também nos frustra, uma vez que jamais o objeto amado corresponderá com nossas expectativas.

ARES RESPIRADOS, UM OLFATO PROFUNDO

O respirar do apaixonado é diferente, é profundo, cheira a leveza de quem embarca numa fantasia. Porém, prestes a flutuar, o peso da escravidão logo impõe o seu efeito gravitacional. Os ares do apaixonado têm esse contorno da realidade imposta, que invade tanto quanto *pathos*.

É possível fechar os olhos e tampar os ouvidos, mas é impossível cessar a respiração, fundamental à sobrevivência do humano. Com ela, cheiros⁴ diversos invadem o ser, sendo que esses muitas vezes não possuem nome, mas remetem a lembranças e aguçam as profundezas do incosciente. Desde o nascimento, a criança é invadida por cheiros, que marcam profundamente a memória, possibilitando a ascensão de sensações diversas. *Pathos* comporta-se desse modo, invadindo e tomando o ser com sensações novas ou antigas, muitas vezes inomináveis.

4 Sobre o impacto dos cheiros, é possível acessar: Bonomi, T. M. A. (2015). O mau cheiro. Sobre as bases da sustentação psíquica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Na paixão, o motivo que nos faz viver na idealização é o mesmo que nos toma da realidade. Nas palavras de Gori (2004), “Aquele que se abandona à paixão expõe-se precisamente a um risco: o do abandono” (p.30). Sendo assim, o enamorado fica a mercê do objeto amado, pois na medida em que o idealizamos e tentamos tomá-lo, ele escapa, contorna as falsas amarras as quais impomos e acaba por nos surpreender, age como se não existíssemos, nos assusta com sua independência e se esvai. O ódio vem para destruí-lo, no entanto como eliminar o que nos apaixona? Sendo o objeto amado alvo constante de investimentos, é impossível apagá-lo, seria uma brutalidade para o enamorado. Tanto na paixão quanto no ódio refletimos sobre o objeto que nos desestabiliza. Ficamos na inquietação da apreensão e devastação, sofremos diante da ambivalência que nos ronda e da vulnerabilidade que nos marca.

Freud (1914) nos alerta que o ser amado vem como projeção ideal do eu do apaixonado. É como se houvesse uma transferência do narcisismo primário ao objeto amado, recuperando, através do outro, o amor que se tem por si e que foi perdido na infância. Essa busca é ressaltada pela desmesura, pelo abandono do investimento de si em prol desse movimento direcionado ao objeto. É aí que o abandono individual ocorre, dando lugar para a vulnerabilidade e o sofrimento, tão presente na paixão, tão instigante dos suspiros. Gori (2004), ao fazer uma alusão ao *aphanismo* como uma união entre o estado passional e a arte barroca, diz:

(...) O desaparecimento, a evasão para fora de si, o desfalecimento. O apaixonado permanece sempre na proximidade do desfalecimento, deste apelo ao ser para desaparecer que a prodigalidade das formas e dos véus se obriga a cobrir. (p. 32)

Ou seja, o sujeito perde-se no encontro com o outro.

PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

E o que se faz de fundamental, por fim? Desde a constituição somos tomados pela frustração, pelo incômodo do sofrer, referente aos cuidados e contato com o outro, ou mesmo, pela ausência dos mesmos. O impacto

diante de tais evidências exige uma ação, mesmo que essa se traduza pela inação em ficar tomado pela surpresa paralisante de ser invadido. Frente a isso, é através de *Logos* que o discurso procura um laço menos sofrido que outrora, sendo o psicopatólogo possível receptor de tal busca.

O encontro entre médico e paciente é marcado pela possibilidade do novo, pela entrega e pela troca. A importância de se dispor à escuta, além dos demais sentidos os quais somos dotados, é essencial para que a vivência entre subjetividades se estabeleça. Sentidos esses que possam auxiliar no aplacar das dores através do amor na transferência. Cabe ressaltar que somos dotados de cinco sentidos corporais, mas somos tomados por sentidos e sensações múltiplas no encontro com o outro. É fundamental poder escutar *Eros* doente, transposto pelas palavras do paciente que oferece a dádiva da experiência, tão singular para cada um de nós – seja para quem profere as palavras, seja para quem as recebe. Com isso, podemos colocar aqui o quão sensíveis somos às palavras, aos gestos os cheiros que nos invadem. Cada sílaba lançada está envolta pelo excesso, assim como a escuta e as palavras do médico, que pautadas no cuidado, devem tratar desse amor por essa mesma via.

Podemos aprender com *pathos*, que em sua intensidade permite também a possibilidade de ensinar e transformar. Berlinck (2008) destaca que:

Devemos contar com *pathos*, devemos até aprender a tirar proveito dele. Tirar proveito dele significa transformá-lo em experiência, ou seja, não só considerar *pathos* como estado transitório, mas também como algo que alarga ou enriquece o pensamento. (p. 20)

Como a Psicopatologia Fundamental se propõe a considerar a subjetividade do ser humano, (para além da) a escuta de *pathos* e a possibilidade de aprender com o mesmo marcam essa visão. A riqueza que a relação entre o médico e o paciente possui pode e deve ser aprofundada no mergulhar da

mesma, e através de estudos – como nos propõe o ambiente do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP⁵ - a fim de ampliar a visão sobre o que mais nos impacta: as vivências envoltas pelo enigmático, por *pathos*.

REFERÊNCIAS

- Ariostóteles (2008). *De Anima*. São Paulo: Editora 34.
- Berlinck, M. T. (1997). O que é Psicopatologia Fundamental. In: *Psicol. cienc. prof.* vol.17 no.2 Brasília. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200003 > Acessado em: 1 de setembro de 2015.
- Berlinck, M. T. (2008). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Editora Escuta.
- Bonomi, T. M. A. (2015). O mau cheiro. Sobre as bases da sustentação psíquica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Chaves, W. C. (2002). A noção lacaniana da subversão do sujeito. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, v. 22 (4). Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400008 > Acessado em: 15 de Junho de 2014.
- Gori, R. (2004). *A Lógica das Paixões*. Rio de Janeiro: Campo Matémico.
- Figueiredo, L. C. (1995). Investigação em Psicologia Clínica. In: *Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.
- Freud, S. (1915). Os Instintos e suas vicissitudes. In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.

5 Mais informações sobre em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/pagina-o-que-e-o-laboratorio-de-psicopatologia-fundamental-529>

- Freud, S. (1916). Os caminhos da formação dos sintomas. In: Conferências introdutórias sobre Psicanálise (parte III) [(1917 [1916-1917 In: _____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 16.
- Freud, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: _____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18.
- Laboratório de Psicopatologia Fundamental. Disponível em < <http://www.psicopatologiafundamental.org/pagina-o-que-e-o-laboratorio-de-psicopatologia-fundamental-529> > Acessado em: 09 de Outubro de 2014.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Magtaz, A. C. e Berlinck, M. T. (2012). O caso clínico como fundamento da pesquisa em Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, 15 (1), 71-81*.
- Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública. Do DSM-I ao DSM-5: Efeitos do diagnóstico psiquiátrico “espectro autista” sobre pais e crianças. Disponível em < <http://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com/2013/04/11/do-dsm-i-ao-dsm-5-efeitos-do-diagnostico-psiquiatrico-espectro-autista-sobre-pais-e-criancas/> > Acessado em: 18 de Junho de 2014.